

## **DIPLOMACIA E O SÉCULO XXI: OS DESAFIOS DA GLOBALIZAÇÃO**

ANTONIO BAPTISTA GONÇALVES<sup>1</sup>

**Sumário: 1. Introdução – 2. A globalização e os movimentos migratórios – 3. A diplomacia e a globalização – 4. Os problemas a serem enfrentados pela diplomacia no século XXI: Os organismos Transnacionais – Conclusão.**

### **Resumo**

A diplomacia que se praticava no século XX perdeu força e teve de se adaptar à nova realidade dos Estados com o fim das fronteiras comerciais e com o livre trânsito de mercadorias, serviços e pessoas com o advento da globalização. As negociações que antes eram complexas e dificultadas pelas distâncias agora contam não apenas com outros canais de comunicação como a internet, como também outros atores que corroboram e pressionam em busca de seus próprios interesses como os atores não governamentais.

A missão da diplomacia no século XXI é se adaptar e evoluir e, ao mesmo tempo, integrar e conectar os interesses dos novos atores com os Estados a fim de ratificar sua influência, garantir sua representatividade e criar elementos de proteção de seus cidadãos, sua própria segurança e obter vantagens para o Governo daquele país ao qual o diplomata representa. Para tanto é vital entender como que a diplomacia funciona ante a nova realidade da globalização e seus novos instrumentos de barganha, sinalização e negociação.

### **Abstract**

Diplomacy practiced in the twentieth century lost its strength and had to adapt to the new reality of the States with the end of trade frontiers and the free transit of goods, services and people with the advent of globalization. Previously complex and distressed negotiations now rely not only on other channels of communication such as the Internet, but also on other actors who corroborate and push in pursuit of their own interests as non-governmental actors.

The mission of diplomacy in the twenty-first century is to adapt and evolve and, at the same time, to integrate and connect the interests of the new actors with the states in order to ratify their influence, guarantee their representativeness and create elements of protection for their citizens, their own the Government of that country to which the diplomat

---

<sup>1</sup>Advogado, Presidente da Comissão de Criminologia e Vitimologia da OAB/SP, Pós-Doutor em Ciência da Religião pela PUC/SP, Pós-Doutor em Ciências Jurídicas pela Universidade de La Matanza. Doutor e Mestre em Filosofia do Direito pela PUC/SP, Discente do MBA em Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas; Especialista em Direitos Fundamentais pela Universidade de Coimbra, Especialista em International Criminal Law: Terrorism's New Wars and ICL's Responses pelo Istituto Superiore Internazionale di Scienze Criminali, Especialista em Direito Penal Econômico Europeu pela Universidade de Coimbra, Pós-Graduado em Direito Penal Econômico pela Fundação Getúlio Vargas – FGV, Bacharel em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

represents. It is vital to understand how diplomacy works in the face of the new reality of globalization and its new instruments of bargaining, signaling and negotiation.

## 1. Introdução

A diplomacia é responsável por dirimir conflitos e manter as relações internacionais, através da negociação de tratados de amizade ou de comércio em decorrência da necessidade e dos interesses dos atores envolvidos naquele momento.

A função da diplomacia no período anterior à globalização era diferente dos moldes e da influência que temos nos dias correntes. O mundo se modificou e com ele uma série de consequências foram ocasionadas às Nações em decorrência da expansão do capitalismo e da abertura das fronteiras com livre circulação de mercadorias, serviços e pessoas com o advento da globalização.

Esse período expansionista é decorrência direta da busca por novas tecnologias vivido nas décadas posteriores ao final da Segunda Guerra Mundial, o período que se conheceu como Guerra Fria. Se por um lado houve grande desenvolvimento tecnológico, de outro houve um embate entre dois modelos econômicos o socialismo e o capitalismo, o que propiciou a denominação de países de primeiro mundo, os capitalistas, os países de segundo mundo, os socialistas, e os países do terceiro mundo, os denominados países em desenvolvimento, como era à época o Brasil.

Com a queda do regime socialista, exceção feita a Cuba e a Coreia do Norte, a classificação perdeu o sentido e o que se viu foi a proliferação de oportunidades e a efetivação do livre comércio, como detalharemos a seguir com o desdobramento da globalização.

O mundo deixa de ser bipolar, com relativa estabilidade, para ser multipolar com a presença de tensões constantes e conflitos em busca de melhores condições desta ou daquela potência em detrimento das demais.

A globalização trouxe prosperidade econômica, mas a queda das fronteiras e o impacto na soberania dos países também ocasionou a necessidade de adaptação a essa nova realidade cotidiana, em especial, com o advento da internet e das comunicações instantâneas e das redes sociais, um novo instrumento de comunicação e de pressão às

GONÇALVES, Antonio Baptista. Diplomacia e o Século XXI: Os Desafios da Globalização. In: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba-PR. Ano XI, n. 19, jul-dez/2018. ISSN 2175-7119.

nações. Assim, a comunicação entre os países, apesar de facilitada também enfrentou novas dificuldades<sup>2</sup>.

Os interesses por melhores condições, a busca por mais influência política e econômica também se tornou patente entre as nações e os embates deixaram de ser armados e as guerras bélicas deram lugar a conflitos comerciais, ameaças com o possível uso de armas nucleares, tudo para ratificar uma posição e para buscar mais ganho de poder deste ou daquele país.

De tal sorte que a diplomacia teve de se adaptar, se tornar flexível e lidar com elementos até então pouco presentes, como o *soft power*<sup>3</sup> e com os instrumentos de pressão exercidos pelas organizações transnacionais, Organizações Não Governamentais e demais organismos internacionais que passaram a trazer pautas e debates que ganharam notoriedade na agenda das grandes potências, como por exemplo, a questão ambiental.

---

2 One of the most interesting but frequently overlooked aspects of globalization is its tendency to territorialize social, economic, and political spaces. While not happening at the same pace or intensity everywhere, time and distance, as barriers to human interaction and Exchange, are disappearing; shared identity and a sense of Community are no longer dependent upon physical proximity. The advent of the Internet and wireless communications has made possible the creation and extension of virtual communities – jihadis among them. COPELAND, Daryl. **Guerrilla Diplomacy Rethinking International Relations**. London: Lynne Rienner, 2009, p. 5.

Tradução livre: Um dos aspectos mais interessantes, mas frequentemente negligenciados, da globalização é sua tendência a desestruturar espaços sociais, econômicos e políticos. Embora não aconteça no mesmo ritmo ou intensidade em todos os lugares, o tempo e a distância, como barreiras à interação humana e à troca, estão desaparecendo; identidade compartilhada e um senso de comunidade não são mais dependentes da proximidade física. O advento da Internet e das comunicações sem fio tornou possível a criação e extensão de comunidades virtuais - jihadis entre eles os aspectos mais interessantes, mas frequentemente negligenciados, da globalização é sua tendência a desestruturar espaços sociais, econômicos e políticos. Embora não aconteça no mesmo ritmo ou intensidade em todos os lugares, o tempo e a distância, como barreiras à interação humana e à troca, estão desaparecendo; identidade compartilhada e um senso de comunidade não são mais dependentes da proximidade física. O advento da Internet e das comunicações sem fio tornou possível a criação e extensão de comunidades virtuais - jihadis entre eles.

3 The approach is noncoercive and based on the use of “soft power” - The attractive rather than coercive power to make others want what you want and to harness public opinion in Support of particular interests. In others words, public diplomats use the tools and tactics of public relations to connect with populations abroad, and they count in that connection to produce intelligence and to move host governments toward desired ends. This is very diferente from classic diplomatic practice. Agents of public diplomacy and branding move the goalposts, enlarge the playing field, and rewrite the rules of the game in manner not fully captured even in the literature that has attracted renewed attention to these subjects post- 9/11. COPELAND, Daryl. **Guerrilla Diplomacy Rethinking International Relations**. London: Lynne Rienner, 2009, p. 9.

Tradução livre: A abordagem é não-coercitiva e baseada no uso do “poder brando” - o poder mais atraente do que coercitivo para fazer com que os outros queiram o que você quer e para aproveitar a opinião pública em apoio a interesses particulares. Em outras palavras, os diplomatas públicos usam as ferramentas e as táticas das relações públicas para se conectar com as populações no exterior, e contam nessa conexão para produzir inteligência e levar os governos dos países para os fins desejados. Isso é muito diferente da prática diplomática clássica. Os agentes da diplomacia pública e da marca movem os postes, ampliam o campo de jogo e reescrevem as regras do jogo de maneira não totalmente captada, mesmo na literatura que atraiu uma atenção renovada a esses assuntos após o 11 de setembro.

Veremos, portanto, como que a globalização impactou na diplomacia e na relação com os Estados e quais os desafios a serem enfrentados na era da tecnologia que rege o século XXI.

## 2. Da Guerra Fria à Globalização

Com o final da Segunda Guerra Mundial e o desenvolvimento da tecnologia o que vimos foi a transnacionalização das empresas<sup>4</sup>, isto é, as empresas passaram a levar suas filiais para os países menos desenvolvidos a fim de conquistar novos mercados.

Esse envio foi motivado pela saturação dos mercados internos o que forçou as empresas a buscar novos consumidores e, por conseguinte, foram descobertos novos potenciais de produção, matéria-prima e consumo.

O resultado foi o aumento da necessidade de transportes, do uso de matéria-prima e o processo se intensificou quando, a partir da década de 1970, houve a Revolução Técnico-Científica, isto é, uma mudança profunda na estrutura da produção e da comercialização de produtos. Mudanças estas que propiciaram descobertas, em especial na área de telecomunicação, com o surgimento da robótica, da microeletrônica e dos satélites, além da adesão do modelo toyotista de produção.

Essa internacionalização do comércio desenvolveu o que se conheceu por “aldeia global<sup>5</sup>”, isto é, a troca de produtos e serviços entre os países<sup>6</sup>. No entanto, apesar da

---

4 Na base da internacionalização do capital estão a formação, o desenvolvimento e a diversificação do que se pode denominar “fábrica global”. O mundo transformou-se na prática em uma imensa e complexa fábrica, que se desenvolve conjuntamente com o que se pode denominar “*shopping center* global”. Intensificou-se e generalizou-se o processo de dispersão geográfica da produção, ou das forças produtivas, compreendendo o capital, a tecnologia, a força de trabalho, a divisão do trabalho social, o planejamento e o mercado. IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 57.

5 “Aldeia Global” sugere que, afinal, formou-se a comunidade mundial, concretizada com as realizações e as possibilidades de comunicação, informação e fabulação abertas pela eletrônica. Sugere que estão em curso a harmonização e a homogeneização progressivas. Baseia-se na convicção de que a organização, o funcionamento e a mudança da vida social, em sentido amplo, compreendendo evidentemente a globalização, são ocasionados pela técnica e, neste caso, pela eletrônica. Em pouco tempo, as províncias, nações e regiões, bem como culturas e civilizações, são atravessadas e articuladas pelos sistemas de informação, comunicação e fabulação agilizados pela eletrônica. IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 16.

6 O adjetivo “global” surgiu no começo dos anos 80, nas grandes escolas americanas de administração de empresas, as célebres “*business management schools*” de Harvard, Columbia, Stanford etc. Foi popularizado nas obras e artigos dos mais hábeis consultores de estratégia e marketing, formados nessas escolas – o japonês K. Ohmae (1985 e 1990), o americano M.E. Porter – ou um estreito contato com elas. Fez sua estreia a nível mundial pelo viés da imprensa

GONÇALVES, Antonio Baptista. Diplomacia e o Século XXI: Os Desafios da Globalização. In: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba-PR. Ano XI, n. 19, jul-dez/2018. ISSN 2175-7119.

evolução da eletrônica e da tecnologia não podemos esquecer que no transcurso das décadas de 70 e 80 ainda havia a Guerra Fria, portanto, de um lado um intenso desenvolvimento econômico e a busca por uma maior inovação tecnológica e busca por novos mercados e de outro um bloco fechado em um ideal socialista com atuação forte e restritiva do Estado.

Desde a bipolarização em 1946 até o final da década de 70 o que se viu foi um crescimento dos dois polos da Guerra Fria: o capitalista liderado pelos Estados Unidos e o socialista capitaneado pela URSS. O crescimento e a disputa tecnológica eram intensos com um anseio claro em qual bloco poderia “conquistar” a Lua primeiro.

O desenvolvimento foi claro com a descoberta de novas tecnologias, do desenvolvimento dos satélites e depois de seus lançamentos em órbita, o controle pelas telecomunicações e o desenvolvimento do sistema de produção. Para os capitalistas tal período foi conhecido como os trinta gloriosos<sup>7</sup>, mas não pode negar também o crescimento dos socialistas<sup>8</sup>, que até o começo da década de 1970 acompanhou o capitalismo em termo de desenvolvimento e crescimento.

A prosperidade, em especial na Europa pode ser explicada pelos avanços tecnológicos, mas também por uma necessidade dos países devastados pela Segunda Guerra Mundial se recuperarem econômica e socialmente<sup>9</sup>, além é claro, de evitar a chegada ou a ameaça do socialismo. Com isso nos trinta anos seguintes ao final da

---

econômica e financeira de língua inglesa, e em pouquíssimo tempo invadiu o discurso político neoliberal. CHESNAIS, François. **A Mundialização do Capital**. Tradução Silvana Finzi Foá. São Paulo: Xamã, 1996, p. 23.

7 O século XX foi a era mais extraordinária da história da humanidade, combinando catástrofes humanas inéditas de dimensões inéditas, conquistas materiais substanciais e um aumento sem precedentes da nossa capacidade de transformar e talvez destruir o planeta – e até de penetrar no espaço exterior. HOBBSAWM, Eric. J. **Globalização, Democracia e terrorismo**. Trad. José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 9.

8 Hoje é evidente que a Era de Ouro pertenceu essencialmente aos países capitalistas desenvolvidos, que, por todas essas décadas, representaram cerca de três quartos da produção do mundo, e mais de 80% de suas exportações manufaturadas. Outra razão pela qual essa característica da era só lentamente foi reconhecida é que na década de 1950 o surto econômico pareceu quase mundial e independente de regimes econômicos. Na verdade, de início pareceu que a parte socialista do mundo, recém-expandida, levava vantagem. A taxa de crescimento da URSS na década de 1950 foi mais veloz que a de qualquer país ocidental, e as economias da Europa Oriental cresceram quase com a mesma rapidez – mais depressa em países até então atrasados, mais devagar nos já industrializados ou parcialmente industrializados. A Alemanha Oriental, porém, ficou para trás da Alemanha Federal não comunista. Embora o Bloco Oriental perdesse o ritmo na década de 1960, seu PIB per capita em toda a Era de Ouro continuou crescendo ligeiramente mais rápido (ou, no caso da URSS, um pouco menos) que o dos grandes países industriais capitalistas. Mesmo assim, na década de 1960 ficou claro que o capitalismo avançava mais que o comunismo. HOBBSAWM, Eric. J. **Era dos extremos: O breve século XX 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 255.

9 Recuperar-se da guerra era a prioridade esmagadora dos países europeus e do Japão, e nos primeiros anos depois de 1945 eles mediram seu sucesso tomando como base o quanto se haviam aproximado de um objetivo estabelecido em referência ao passado, não ao futuro. Nos Estados não comunistas, a recuperação significava deixar para trás o medo da revolução social e avanço comunista, herança da guerra e da resistência. HOBBSAWM, Eric. J. **Era dos extremos: O breve século XX 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 254.

GONÇALVES, Antonio Baptista. Diplomacia e o Século XXI: Os Desafios da Globalização. In: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba-PR. Ano XI, n. 19, jul-dez/2018. ISSN 2175-7119.

Segunda Guerra o que vimos foi um período de grande prosperidade e crescimento, com relativa calma nas relações entre os blocos, sobre o tema Eric J. Hobsbawm:

A segunda Guerra Mundial na verdade trouxe soluções, pelo menos por décadas. Os impressionantes problemas sociais e econômicos do capitalismo na Era da Catástrofe aparentemente sumiram. A economia do mundo ocidental entrou em sua Era de Ouro; a democracia política ocidental, apoiada por uma extraordinária melhora na vida material, ficou estável; banuiu-se a guerra para o Terceiro Mundo. Por outro lado, até mesmo a evolução pareceu ter encontrado seu caminho para frente. Os velhos impérios coloniais desapareceram ou logo estariam destinados a desaparecer. Um consórcio de Estados comunistas, organizado em torno da União Soviética, agora transformada em superpotência, parecia disposto a competir na corrida pelo crescimento econômico com o Ocidente. Isso se revelou uma ilusão, mas só na década de 1960 essa ilusão começou a desvanecer-se<sup>10</sup>.

A ilusão a que se refere Hobsbawm foi o caminho econômico escolhido pela URSS e o socialismo em divergência<sup>11</sup> com o modelo de crescimento econômico adotado pelo capitalismo<sup>12</sup>.

Essa diferença de estratégia foi um dos principais motivos da queda do socialismo, visto que capitaneados pela União Soviética, o sistema de produção ao invés de seguir o modelo capitalista de abertura de novos mercados, o sistema soviético continuou estancado no modelo de produção na indústria pesada notadamente controlado pelas empresas estatais que sem poder acompanhar a evolução tecnológica e eletrônica ficaram rapidamente obsoletas e ultrapassadas<sup>13</sup>.

---

10 HOBBSAWM, Eric. J. **Era dos extremos: O breve século XX 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 59.

11 Durante grande parte do Breve Século XX, o comunismo soviético proclamou-se um sistema alternativo e superior ao capitalismo, e destinado pela história a triunfar sobre ele. E durante grande parte desse período, até mesmo muitos daqueles que rejeitavam suas pretensões de superioridade estavam longe de ser convencidos de que ele não pudesse triunfar. HOBBSAWM, Eric. J. **Era dos extremos: O breve século XX 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 63.

12 Acreditavam os socialistas que as instituições básicas do liberalismo, a liberdade de empreender, a livre concorrência e a propriedade privada dos meios de produção, eram responsáveis pelas desigualdades na repartição da renda social e pelas seguidas crises econômicas. Eliminar essas instituições, substituindo-as por outras, sintetizava o objetivo específico da revolução socialista. A propriedade dos meios de produção deveria pertencer à sociedade, e a organização da atividade não deveria ser guiada pelo interesse individual e pela concorrência, mas por um único centro de decisões, que atuaria no sentido do interesse coletivo.

O sistema liberal pluripolar seria assim substituído pela intervenção direta e total do governo. Os fluxos da produção e da renda seriam regulados por uma central de planificação, que estabeleceria os objetivos da economia, os meios para alcançá-los, a remuneração dos recursos e os preços dos bens e serviços. A economia de comando central, diametralmente oposta à economia de mercado, promoveria a justa remuneração dos fatores e eliminaria as desigualdades econômicas. ROSSETTI, José Paschoal. **Introdução à Economia**. 19 ed. São Paulo: Atlas, 2002, p. 306.

13 Como pode-se constatar, seja a partir de estatísticas oficiais soviéticas ou de fontes no mundo capitalista, a queda na taxa de crescimento foi constante, de plano quinquenal em plano quinquenal, do início dos anos 70 até o final dos anos 80. A tendência em direção à estagnação podia ser confirmada em números absolutos pelas quedas de produção, de carvão, em 1979, 1980 e 1981 e 1982. Em 1985, houve queda generalizada na produção de petróleo, carvão, aço, papel,

A mão forte do Estado não conseguiu conter o empobrecimento da população e as revoluções em busca de melhores condições se tornaram frequentes nos anos 80, a derrocada final veio com o fracasso dos planos soviéticos conhecidos como Perestroika<sup>14</sup> e Glasnost, durante o governo de Mikhail Gorbachev<sup>15</sup>.

Sem a presença do bloco soviético e com os ideais neoliberais, o capitalismo ingressou em uma nova fase. Um período expansionista, responsável por uma maior integração entre os povos no âmbito econômico. Com a queda da URSS<sup>16</sup> e o final da Guerra Fria<sup>17</sup> o mundo conhece no início da década de 90<sup>18</sup> a globalização, isto é, a

---

cimento e vários outros produtos. Não foi só na área industrial que se instalou uma dinâmica descendente. A desaceleração do crescimento econômico foi seguida de uma redução dos gastos em consumo. Como em muitos países capitalistas avançados, houve, entretanto, uma melhoria quando se tratava de equipamentos duráveis residenciais.

A má qualidade desses produtos, as dificuldades de reparação, por falta de peças de reposição ou por excesso de burocracia, geravam sérios descontentamentos entre os consumidores, o que abriu as portas ao mercado negro. O aspecto mais perverso dessa contração econômica foi a quase estagnação da produção agrícola, especialmente de cereais, item no qual a ex-URSS era dependente de importações massivas dos países capitalistas, o que implicava diretamente em estagnação relativa ao nível de vida da população, aumentando o descontentamento já existente com a escassez permanente de vários produtos. Ficaram emblemáticas as longas filas de espera em frente às lojas de víveres e mantimentos, denotando oferta bem abaixo da demanda. RODRIGUES, Robério Paulino. O fim da URSS e do “Bloco Socialista”. In COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **Dinâmica da Economia Mundial Contemporânea**. São Paulo: Stortecchi, 2003, p. 183.

14 É difícil estabelecer quando importantes comunistas desistiram de fato de suas crenças no socialismo, pois após 1989-91 essas pessoas tinham certo interesse em antedatar retrospectivamente sua conversão. O que era verdade na economia o era ainda mais patente na política, como iria mostra a *perestroika* de Gorbachev, pelo menos nos países socialistas ocidentais. HOBBSAWM, Eric. J. **Era dos extremos: O breve século XX 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 409.

15 O mundo havia assistido, no curto espaço de 70 anos, ao aparecimento de um novo tipo de formação social, distinto do modelo de capitalismo ocidental, com o poder de rivalizar, em termos políticos e militares, com todas as potências ocidentais, especialmente com a potência capitalista hegemônica no planeta neste século, os EUA, levando a uma polarização que deixou a humanidade à beira de uma guerra nuclear. Tais formações sociais chegaram a cobrir um terço do planeta. Mas apesar de todo esse poderio e da sua enorme importância, a ex-URSS, desintegrou-se em um intervalo de pouquíssimos anos e, juntamente com formações sociais similares, vive um processo de retorno ao capitalismo, de assimilação tardia ao sistema capitalista mundial e a seu mercado. O Ocidente viu-se tão surpreendido pela *débâcle* do sistema de “socialismo real” quanto a própria burocracia dirigente soviética, que, com Gorbachev à frente, tentou, a partir de 1985, uma modernização controlada que evitasse o colapso, mas que não pôde ser evitado. RODRIGUES, Robério Paulino. O fim da URSS e do “Bloco Socialista”. In COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **Dinâmica da Economia Mundial Contemporânea**. São Paulo: Stortecchi, 2003, p. 177.

16 O colapso do comunismo soviético deu uma nova força a esta evolução, pois já não existe nenhum grupo significativo de países fora do sistema. O colapso não foi daquelas coisas que tinha de acontecer. A globalização explica porquê, e como, o comunismo soviético teve de acabar. Até uma data que coincide mais ou menos com o início da década de 1970, a antiga União Soviética e os Países do Leste da Europa compararam-se ao Ocidente em termos de taxa de crescimento. A partir de então, ficaram rapidamente para trás. O comunismo soviético, concentrando esforços nas empresas estatais e na indústria pesada, deixou de ter condições para competir na economia eletrônica global. Do mesmo modo que o controlo ideológico e cultural exercido pelas autoridades políticas comunistas também não teve condições de sobrevivência numa época de informação global. GIDDENS, Anthony. **O Mundo na era da globalização**. Barcarena, Portugal: Editorial Presença, 2005, p. 25.

17 Em 31 de dezembro de 1991 a bandeira da União Soviética foi *substituída pela Russa e a URSS desapareceu, sendo substituída por uma nova comunidade de Estados Independentes que optou pelo Capitalismo*. Desse momento em diante, à Rússia e os EUA se aproximaram, levando ao fim da Guerra Fria; os norte-americanos se fortaleceram internacionalmente, adotaram a chamada nova ordem e a globalização como bandeira e se transformaram na primeira potência mundial, impondo sua política ao mundo. SIMÕES, Edson Emanuel; PERILLO, Eduardo B. F.; MIGUEL, Jair

GONÇALVES, Antonio Baptista. Diplomacia e o Século XXI: Os Desafios da Globalização. In: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba-PR. Ano XI, n. 19, jul-dez/2018. ISSN 2175-7119.

abertura das fronteiras internacionais e as barreiras comerciais de outrora deixaram de existir com nítido incentivo à livre<sup>19</sup> circulação de mercadorias, serviços e, também, pessoas.

Assim, o final do século XX e o princípio do século XXI edificaram o capitalismo no globo, com algumas poucas resistências, como Cuba e Coréia do Norte. E o resultado foi uma integração econômica entre as nações, ao ponto das fronteiras econômicas serem minimizadas, com a difusão globalizada dos mercados de capitais, do trabalho e das modernas formas de produção. Esse conjunto de elementos propiciou aos povos o acesso à livre circulação de mercadorias<sup>20</sup>, eis a formação da globalização.

Octavio Ianni e a globalização:

A globalização do mundo expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial. Um processo de amplas proporções envolvendo nações e nacionalidades, regimes políticos e projetos nacionais, grupos e classes sociais, economias e sociedades, culturas e civilizações<sup>21</sup>.

---

Diniz Miguel. Indústria e militarismo. In COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **Dinâmica da Economia Mundial Contemporânea**. São Paulo: Stortecchi, 2003, p. 91.

18 A palavra <globalização> pode até nem ser muito elegante ou atractiva. Mas ninguém, absolutamente ninguém, que pretenda progredir neste final de século a pode ignorar. Na França, a palavra é *mondialisation*. Na Espanha e na América Latina, *Globalización*. Na Alemanha dizem *globalisierung*. A divulgação da palavra por toda a parte é a melhor prova da evolução que ela representa. Nenhum guru da gestão a dispensa. Nenhum discurso político fica completo sem se referir a ela. Contudo, até finais dos anos 80, o termo quase não era usado, nem na literatura corrente. GIDDENS, Anthony. **O Mundo na era da globalização**. Barcarena, Portugal: Editorial Presença, 2005, p. 19 e20.

19 A escala do capitalismo mudou a cada novo conjunto de indústrias líderes. As empresas cresceram. Seus mercados aumentaram (*grew*). E o mundo industrial expandiu-se. As organizações mundiais facilitaram essas mudanças de escala. Ao mesmo tempo, as organizações mundiais, e os outros sistemas de governança para os quais elas apontavam, ajudaram a mitigar os conflitos que acompanhavam a expansão do sistema industrial: elas privilegiaram alguns trabalhadores nos países industrializados, asseguraram investimentos em países menos desenvolvidos... As agências ajudaram também a aperfeiçoar o próprio sistema de Estados estendendo-o a todas as partes do globo... Ao fortalecer o Estado-nação e o sistema de Estados, as organizações intergovernamentais globais (OIGs) da era da ONU também ajudaram a conter os maiores desafios ao capitalismo industrial, os sistemas comunistas soviético e chinês, por mais de uma geração. Hoje, algumas das mesmas agências receberam o encargo de ajudar à reincorporação dos Estados pós-comunistas na ordem capitalista mundial. MURPHY, Craig N. **International organization and industrial change. Global governance since 1850**. Cambridge: Polity Press, 1994, p. 2 a 4.

20 A partir das mudanças estruturais desenvolvidas no século XVIII na Europa ocidental, especialmente com a Revolução Industrial – acelera-se a partir da segunda metade do século XX, quando o universo do consumo passou a ganhar centralidade tanto como motor do desenvolvimento econômico quanto através da expansão do consumismo como elemento de mediação de novas relações e processos que se estabelecem no plano cultural das sociedades modernas. Dentro dessa perspectiva, o consumo deixa de ser uma variável dependente de estruturas e processos a ele externos e passa a se constituir enquanto campo autônomo, caracterizando-se como importante objeto do conhecimento no âmbito das ciências sociais contemporâneas, especialmente no campo dos estudos sobre a cultura. RETONDAR, Anderson Moebus. **A (re)construção do indivíduo: a sociedade de consumo como “contexto social” de produção de subjetividades**. Revista *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 23, n. 1, p. 137-160, jan./abr 2008.

21 IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1999, p. 11.

Através da globalização econômica<sup>22</sup> e da abertura das fronteiras comerciais, então, fez-se necessário um novo tipo de rearranjo entre as nações a fim de garantir vantagens e proteções econômicas, leia-se, aumentar seus lucros, nasciam assim as alianças comerciais entre os países, os denominados blocos<sup>23</sup> econômicos<sup>24</sup>. Ao longo da década de 90 o que vimos foi o surgimento e a fortificação de blocos<sup>25</sup> como a União Europeia, NAFTA, MERCOSUL, ALCA, dentre outros e o destaque<sup>26</sup> de um ente

---

22 A globalização econômica consiste na integração das economias nacionais em uma economia internacional através do comércio, do investimento estrangeiro direto (por parte de corporações e multinacionais), fluxos de capital de curto prazo, fluxo internacional de trabalhadores e pessoas em geral e fluxos de tecnologia. BHAGWATI, Jagdish. **Em defesa da globalização: Como a globalização está ajudando ricos e pobres**. Tradução Regina Lyra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 3 e 4.

23 Se o pós-guerra permitiu a criação do sistema internacional de proteção dos direitos humanos, fomentou também a criação de organizações de cooperação e integração econômica.

Além do processo de internacionalização dos direitos humanos, a ordem contemporânea tem sido marcada pela consolidação de blocos econômicos, que decorrem do crescente processo de integração regional. O surgimento de blocos econômicos passa a redefinir os contornos do cenário mundial, a partir da intensificação das relações internacionais, mediante a cooperação e integração entre Estados e mediante a celebração de inúmeros tratados internacionais. PIOVESAN, Flávia Cristina. Direitos Humanos, globalização e a integração regional. In PIOVESAN, Flávia (Coord.). **Direitos Humanos, globalização econômica e integração regional**. São Paulo: Max Limonad, 2002, p. 45.

24 O cenário internacional globalizado foi marcado por uma dicotomia entre liberalização comercial e protecionismo; entre mundialização e regionalização. No final da década de 1980 e início dos anos 1990, a dinâmica das experiências de integração regional em termos gerais e a formação de blocos econômicos ganhou um novo impulso, dentro de um cenário internacional de superação definitiva da ordem bipolar e estruturação de uma nova ordem baseada no paradigma neoliberal no campo econômico. A ideia de economia de mercado veio acompanhada de uma internacionalização crescente dos circuitos produtivos e a transnacionalização do movimento de capitais e investimentos. KOCHER, Bernardo (org.). **Globalização: atores, ideias e instituições**. Rio de Janeiro: Maud, 2011, p. 44.

25 A existência de blocos econômicos pode se situar na esteira das regulações das atividades econômicas cujo objetivo principal é a expansão de mercados. Nos anos que se seguiram à crise econômica que abalou as economias ocidentais, em 1929, e antecederam a Segunda Guerra Mundial, o comércio internacional foi conduzido de forma desregulada e com predominância dos interesses individuais das nações, a chamada busca do equilíbrio bilateral. Esta forma de condução das relações comerciais foi um dos pontos cruciais que levaram à eclosão da Segunda Guerra Mundial. Mesmo antes de seu final, as nações ocidentais já discutiam a regulação das atividades econômicas e, sob o aspecto comercial, levou ao surgimento do Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT), mais tarde sucedido pela Organização Mundial do Comércio (OMC), cujo objetivo era a liberalização das relações comerciais através do enfoque de equilíbrio multilateral. Esta visão de regulação tornava explícita a ideia de que a solução de crise de um país, não deveria ser resolvida com prejuízo de outros. Era a ideia de mercado global. DARÉ, Nilton José. Organismos internacionais e blocos econômicos. In COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **Dinâmica da Economia Mundial Contemporânea**. São Paulo: Storteccei, 2003, p. 64.

26 A figura do mercado como ator no cenário do comércio internacional não é resultado da globalização, sua existência remonta à Revolução Industrial e suas características são descritas por Rossetti: Em *The wealth of nations*, de Adam Smith, encontram-se as bases para compreensão do funcionamento das economias de mercado. Ele construiu os alicerces da teoria econômica clássica e descreveu os fundamentos dos sistemas de livre empreendimento, em que a propriedade dos meios de produção é privada e o mercado atua como centro de coordenação do processo econômico. Smith propôs que o interesse individual é a mola propulsora das economias de mercado. Ele observou que os agentes econômicos, individualmente considerados, embora motivados por seus interesses próprios, agem frequentemente em benefício da sociedade como um todo. Ao decidirem por um investimento produtivo, ao escolherem uma atividade profissional, ao se definem por uma ocupação, os agentes econômicos não têm a intenção de promover o bem público e, muitas vezes, nem mesmo sabem como ele possa ser promovido. Cada qual pretende apenas o próprio benefício, mas é guiado por uma espécie de mão invisível a percorrer caminhos que aparentemente nata têm a ver com seus propósitos individuais. ROSSETTI, José Paschoal. **Introdução à Economia**. 19 ed. São Paulo: Atlas, 2002, p. 311.

GONÇALVES, Antonio Baptista. Diplomacia e o Século XXI: Os Desafios da Globalização. In: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba-PR. Ano XI, n. 19, jul-dez/2018. ISSN 2175-7119.

despersonificado denominado mercado<sup>27</sup> que passou a reger as relações econômicas mundiais.

O resultado dessa expansão deliberada do capitalismo aliado à expansão tecnológica foi a readequação dos países para aproveitar esse novo período de prosperidade para também alavancar suas economias no âmbito interno. Com isso, o passo seguinte foi a criação de blocos econômicos para aliar interesses comuns e instituir, assim, uma mudança de paradigma com a queda das barreiras comerciais, da aproximação das nações e da relativização das fronteiras dando origem a sociedade global<sup>28</sup>. E nesse novo mundo despontaram dois conjuntos de países unidos: os Estados Unidos da América e a União Europeia.

É o fim de um modelo bipolar centrado na disputa entre o capitalismo e o socialismo para a adesão de um novo modelo<sup>29</sup>, o multipolar<sup>30</sup>, isto é, regido pelos blocos econômicos, pela livre concorrência e pela integração econômica.

---

27 As mercadorias que fluem para essa grande metrópole são produzidas por milhões de pessoas, mais ou menos por sua livre iniciativa e sem direção ou plano diretor. Mas, fundamentando quase todos os procedimentos envolvidos, há esmerados mecanismos de coordenação inconsciente, que combinam o conhecimento e as ações de milhões de indivíduos interdependentes. Apesar de não contar com uma inteligência central, os mecanismos funcionam com regularidade. Pela mão invisível do mercado, eles impulsionam a livre iniciativa de milhares de empreendedores. Alocam recursos de forma aparentemente eficaz e garantem o abastecimento dos mercados. ROSSETTI, José Paschoal. **Introdução à Economia**. 19 ed. São Paulo: Atlas, 2002, p. 309.

28 A sociedade global já tem sido objeto de estudos e interpretações, em seus aspectos históricos, políticos, econômicos, culturais, geográficos, demográficos, geopolíticos, ecológicos, religiosos, linguísticos, artísticos e filosóficos. Além das indicações e intuições que frequentemente aparecem nos estudos sobre a sociedade nacional, multiplicam-se as reflexões sobre as configurações e os movimentos da sociedade global. Já são muitos os que pensam a sociedade em âmbito transnacional, mundial ou propriamente global, mesmo quando não estão utilizando esta noção, mesmo quando continuam a pensar a nação. Em forma sintética, pode-se dizer que essa problemática está presente nos estudos e interpretações sobre relações internacionais, geopolítica, integração regional, sistema-mundo, economia-mundo, três mundos, quatro mundos, guerra fria, fim da guerra fria, fim da história, nova divisão internacional do trabalho, fábrica global, cidade global, aldeia global, *shopping center* global, Disneylândia global, planeta terra, norte e sul, ONU, UNESCO, UNICEF, FAO, FMI, BIRD, GATT, OTAN, NAFTA, MERCOSUL, Casa da Europa, Estados Unidos da Europa, espaço europeu, espaço do Pacífico, imperialismo, pós-imperialismo, dependência, nova dependência, interdependência, multilateralismo, multinacional, transnacional, ascensão e queda das grandes potências, Ocidente e Oriente, ciclo *Kondratieff*, telecomunicações, mídia mundial, indústria cultural, cultura internacional popular, *marketing* global, globalização e fragmentação, novo mapa do mundo, modernidade-mundo, pós-modernidade. IANNI, Octavio. **Globalização: novo paradigma das ciências sociais**. Estud. Avançados. São Paulo, v. 8, n. 21, ago. 1994. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141994000200009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 15 abr. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141994000200009>.

29 O fim da Guerra Fria em 1989 e o colapso da União Soviética em 1991 desencadearam um debate internacional sobre a natureza da “nova ordem mundial”. Após a desintegração do império soviético na Europa Ocidental e a subsequente fragmentação da própria União Soviética, desencadearam-se as especulações sobre a transformação do sistema internacional e a natureza dos equilíbrios mundiais após a Guerra Fria. Quando do desaparecimento da ameaça comunista deixou os Estados Unidos como única verdadeira superpotência, muitos comentaristas acreditaram que os valores liberais americanos de democracia, individualismo e livre mercado haviam triunfado, e que o mundo estava no

O que antes era adstrito a uma circulação interna seja nas províncias ou intra Estados deu lugar a um panorama erigido em virtude de profundas mudanças no cenário político, cultural, social e econômico resultando em parcerias comerciais em maior escala e proporção ocasionando a abertura das fronteiras internacionais e as barreiras comerciais de outrora deixaram de existir<sup>31</sup> com nítido incentivo à livre circulação de mercadorias, serviços e, também, pessoas<sup>32</sup>, além de um rápido e contínuo desenvolvimento tecnológico<sup>33</sup>. Como diz Daryl Copeland: Se a descoberta científica é o combustível da globalização, a inovação tecnológica é o motor<sup>34</sup>.

---

limiar de uma era de prosperidade, democracia e paz sem precedentes. Observadores mais ponderados argumentaram que a estabilidade bipolar do mundo no pós-guerra estava sendo suplantada por um mundo caótico e multipolar de cinco ou mais potências principais. GILPIN, Robert. **O desafio do capitalismo global: A economia mundial no século XXI**. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 30 e 31.

30 A nova ordem evoluiu de um modelo de bipolaridade definida para a multipolarização indefinida. As tensões subjacentes à nova ordem, os fatores de equilíbrio e de legitimação das potências envolvidas são agora de outra ordem: vão de conciliação da competitividade com a geração e a estabilidade de empregos à tutela do meio ambiente, passando pelo inconformismo quanto às desigualdades internacionais de desenvolvimento. E deságuam no objetivo-síntese de compatibilizar a eficiência econômica com a justiça social e as liberdades públicas. ROSSETTI, José Paschoal. **Introdução à Economia**. 19 ed. São Paulo: Atlas, 2002, p. 362.

31 Desde que se acelerou o processo de globalização do mundo, modificaram-se as noções de espaço e tempo. A crescente agilização das comunicações, mercados, fluxos de capitais e tecnologias, intercâmbios de ideias e imagens, modifica os parâmetros herdados sobre a realidade social, o modo de ser das coisas, o andamento do devir. As fronteiras parecem dissolver-se. As nações integram-se e desintegram-se. IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 209 e 210.

32 O desenvolvimento do modo capitalista de produção, em forma extensiva e intensiva, adquire outro impulso, com base em novas tecnologias, criação de novos produtos, recriação da divisão internacional do trabalho e mundialização dos mercados. As forças produtivas básicas, compreendendo o capital, a tecnologia, a força de trabalho e a divisão transnacional do trabalho, ultrapassam fronteiras geográficas, históricas e culturais, multiplicando-se assim as suas formas de articulação e contradição. Esse é um processo simultaneamente civilizatório, já que desafia, rompe, subordina, mutila, destrói ou recria outras formas sociais de vida e trabalho, compreendendo modos de ser, pensar, agir, sentir e imaginar. IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1999, p. 13.

33 A interdependência no mundo contemporâneo é um fato inegável, e a globalização é apenas um lado desse processo multifacetado e extremamente complexo. O início da integração dos indivíduos remonta à existência humana na Terra, pois os seres humanos e as civilizações sempre buscaram a expansão por diversas razões. Especificamente após a Segunda Guerra Mundial, houve uma considerável transformação nas diversas sociedades por todo o planeta. O desenvolvimento tecnológico provocou uma mudança jamais vivenciada antes.

A capacidade de produzir, transportar, informar, deixou de ser em progressão aritmética ( $2+2+2=6$ ) para tornar-se uma progressão geométrica ( $2 \times 2 \times 2=8$ ). A consequência desse processo pode ser constatada nos fluxos mundiais de produção, transporte, consumo de bens e serviços. Ao mesmo tempo em que esse processo cria novas oportunidades decorrentes da aproximação, novos desafios emergem nesse contexto, por exemplo: a interdependência econômica; a necessidade de controle centralizado do sistema financeiro e monetário internacionais; interdependência energética; o acesso das economias industrializadas às matérias-primas; o acesso dos povos mais excluídos ao mínimo de consumo e serviços condizentes com a dignidade da pessoa humana; a segurança alimentar; os problemas ambientais; o controle de pandemias; a efetivação das metas de desenvolvimento do milênio; o combate ao crime organizado, às drogas, ao terrorismo, aos crimes cibernéticos, entre tantas outras questões. BRITO, Jahyr Jesus. **A Laicização na reforma da ONU: teoria da soberania no século XXI**. São Paulo: Max Limonad, 2015, p. 9.

34 COPELAND, Daryl. **Guerrilla Diplomacy Rethinking International Relations**. London: Lynne Rienner, 2009, p. 3.

GONÇALVES, Antonio Baptista. Diplomacia e o Século XXI: Os Desafios da Globalização. In: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba-PR. Ano XI, n. 19, jul-dez/2018. ISSN 2175-7119.

Em pari passo com o desenvolvimento econômico e a ampliação do mercado tivemos a livre circulação de pessoas e a possibilidade de integração e acesso a novas culturas, fenômeno advindo da globalização, mas fundamentalmente do avanço tecnológico, em especial, da descoberta de novos meios de comunicação, mais notadamente a internet<sup>35</sup>.

Esta importante ferramenta de comunicação tão frequente no mundo do século XXI foi criada no auge da Guerra Fria pelo exército norteamericano<sup>36</sup> como uma forma alternativa de comunicação<sup>37</sup> a fim de que não pudesse ser interceptada pela espionagem russa e, tampouco, traduzida ou sabotada. Com fins militares, mas que, posteriormente se popularizou e expandiu mundialmente, a internet teve contribuição fundamental para a propagação da globalização<sup>38</sup>.

---

35 Computadores conectados globalmente em rede já existem, claro, há mais de 25 anos. Já na década de 1960, computadores nos Estados Unidos trocavam dados por meio de uma linha telefônica.

O primeiro servidor e o primeiro site que utilizaram o hoje habitual padrão “Hyper Text Transfer Protocol” (HTTP) ficaram online pouco antes do Natal de 1990, na Organização Europeia para Pesquisa Nuclear (Cern), na Suíça. Fonte: <http://noticias.uo.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2016/08/06/há-25-anos-world-wide-web-era-apresentada-ao-mundo.htm>. Acesso em 7 de agosto de 2016.

36 O início da “rede das redes” como é conhecida a Internet, data do final da década de 50. As primeiras pesquisas foram destinadas ao uso militar e procuraram corresponder à necessidade de comunicação das autoridades americanas em caso de ataque nuclear. Da década de 60 à década de 90, a Internet se popularizou: mais de 40 milhões de pessoas utilizam esse sistema através de computadores conectados. Ao possibilitar o acesso a dados especializados e agilizar a comunicação entre os usuários, a Internet tornou-se um dos mais importantes meios de comunicação do século XX. GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 3199.

37 A criação e o desenvolvimento da Internet nas três últimas décadas do século XX foram consequência de uma fusão singular de estratégia militar, grande cooperação científica, iniciativa tecnológica e inovação contracultural. A Internet teve origem no trabalho de uma das mais inovadoras instituições de pesquisa do mundo: a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) do Departamento de Defesa dos EUA. Quando do lançamento do primeiro Sputnik, em fins da década de 1950, assustou os centros de alta tecnologia estadunidenses, a ARPA empreendeu inúmeras iniciativas ousadas, algumas das quais mudaram a história da tecnologia e anunciaram a chegada da Era da Informação em grande escala. Uma dessas estratégias, que desenvolvia um conceito criado por Paul Baran na Rand Corporation em 1960-4, foi criar um sistema de comunicação invulnerável a ataques nucleares. Com base na tecnologia de comunicação de troca de pacotes, o sistema tornava a rede independente de centros de comando e controle, para que a mensagem procurasse suas próprias rotas ao longo da rede, sendo remontada para voltar a ter sentido coerente em qualquer ponto da rede. CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 10 ed. Tradução Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 82.

38 Globalization is, at the same time, an ongoing process of transformation – the process of accelerated economic, social, and political integration the world has been experiencing since the 1970s – and the name of the present stage of the capitalism economic system. It is the economic system in which all national markets become open and all nation-states start to behave according to the logic of capitalist accumulation and competition. The dynamic nature of this stage, which reflects the extraordinary speed of technological change, is disclosed in the very name chosen for it – a name whose suffix, - *ization*, implies the idea of change. Its technological basis is the reduction in the costs of transportation and, particularly, the information technology revolution, which made communications and the transfer of financial assets dramatically faster and cheaper. This technological revolution, by making it easier to create and integrate markets at a global level, promoted, on one hand, a reorganization of production, sponsored by multinational corporations. As long as national economies opened up, their international competitiveness became a necessary condition for the continuation of their economic development. PEREIRA, Luis Carlos Bresser. **Globalization and**

Aliada a essa livre circulação a humanidade presenciou uma evolução tecnológica que propiciou ao homem se comunicar com uma pessoa distante em milhares de quilômetros com o poder de um clique. A internet foi a alavanca final para o capitalismo se expandir, pois, com os meios de comunicação avançados a informação passou a chegar mais rápido. E essa velocidade resultou em uma evolução tecnológica no sentido de buscar mais e mais modernidades para aperfeiçoar o sistema. Novamente Octávio Ianni, agora, acerca do modo capitalista de produção aliado as inovações tecnológicas:

O desenvolvimento do modo capitalista de produção, em forma extensiva e intensiva, adquire outro impulso, com base em novas tecnologias, criação de novos produtos, recriação da divisão internacional do trabalho e mundialização dos mercados. As forças produtivas básicas, compreendendo o capital, a tecnologia, a força de trabalho e a divisão transnacional do trabalho, ultrapassam fronteiras geográficas, históricas e culturais, multiplicando-se assim as suas formas de articulação e contradição. Esse é um processo simultaneamente civilizatório, já que desafia, rompe, subordina, mutila, destrói ou recria outras formas sociais de vida e trabalho, compreendendo modos de ser, pensar, agir, sentir e imaginar<sup>39</sup>.

Com a globalização se tinha a expectativa de que não mais haveriam conflitos e que uma nova ordem internacional surgia com o fim dos problemas estratégicos e ideológicos. Ledo engano, pois, o que se viu nas décadas seguintes foi diametralmente o oposto, com o incremento das estratégias, com a luta por fortificar o poderio militar, a segurança de cada país, como forma de assegurar sua soberania.

As tensões da Guerra Fria, apesar de historicamente diluídas, se perpetraram e a ameaça do uso de armamento nuclear que persiste até os dias correntes<sup>40</sup>. O fato é que a

---

**Competition: Why Some Emergent Countries Succeed while Others Fall Behind.** Cambridge: Cambridge Press, 2010, p. 22 e 23.

Tradução livre: A globalização é, ao mesmo tempo, um processo contínuo de transformação - o processo de integração econômica, social, política e que o mundo vem experimentando desde os anos 1970 - e o nome do atual estágio do sistema econômico capitalista. É o sistema econômico em que todos os mercados nacionais se tornam aberto e todos os Estados-nação começam a se comportar de acordo com a lógica da acumulação capitalista e da concorrência. A natureza dinâmica desta fase, o que reflete a extraordinária velocidade da mudança tecnológica, é divulgado no próprio nome escolhido por ele - um nome cujo sufixo, -zação, implica a ideia de mudança. Sua base tecnológica é a redução dos custos de transporte e, em particular, a revolução da tecnologia da informação, o que fez as comunicações e a transferência de ativos financeiros dramaticamente mais rápido e mais barato. Esta revolução tecnológica, tornando-a mais fácil de criar e integrar mercados a nível mundial, promovendo, por um lado, uma reorganização da produção, patrocinado por corporações transnacionais. Enquanto as economias nacionais se abriram, a sua competitividade internacional tornou-se uma condição necessária para a continuação do seu desenvolvimento econômico.

39 IANNI, Octavio. **A era do globalismo.** 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1999, p. 13.

40 The nuclear Revolution, meanwhile, has made war among great powers unlikely – eliminating the major tool that rising powers have used to overturn International systems defended by declining hegemonic states. Today’s Western

GONÇALVES, Antonio Baptista. Diplomacia e o Século XXI: Os Desafios da Globalização. In: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba-PR. Ano XI, n. 19, jul-dez/2018. ISSN 2175-7119.

competição entre as Nações jamais cessou, as grandes se acomodaram na nova realidade e souberam como tirar vantagem do modelo econômico e as pequenas se viram obrigadas a fazer alianças a fim de sobreviver ou seriam anexadas, invadidas ou se tornariam inexpressivas no cenário internacional.

Não houve união, ao contrário, o mundo enfrenta um período cada vez mais crescente de desunião entre as potências<sup>41</sup>, com os blocos econômicos em crise e com reiterados questionamentos por parte dos menos favorecidos e, vez por outra com rachaduras, como o caso do Brexit e a saída ainda não consolidada do Reino Unido da União Europeia.

As democracias que se fortaleceram logo na sequência com a queda do socialismo e aumentaram sua presença nos Estados se vê, atualmente, em crise, mais fragilizada e enfraquecida com o surgimento de questionamentos internos e a ascendência das forças nacionalistas e conservadoras que buscam a fortificação de cada Nação sem mais se importar com o todo, como mostra a eleição e o regime de governo de Donald Trump e a fase emergente do autoritarismo no mundo.

O mundo avançou e as guerras, em muitos casos, se converteram em ameaças, sem o efeito prático do conflito bélico. O fluxo de mercadorias e de ideias em virtude de uma sociedade globalizada dificulta o conflito armado dada a interdependência das economias no modelo atual. Afinal, Estados que fazem negócios entre si são menos propensos a lutar em si.

---

order, in short, is hard to overturn and easy to join. IKENBERRY, G. John. **The Rise of China and the Future of the West** Foreign Affairs, vol. 87 issue 1, p. 23-37, jan/Feb. 2008.

Tradução livre: A revolução nuclear, por sua vez, tornou improvável a guerra entre as grandes potências - eliminando a principal ferramenta que as potências em ascensão usaram para derrubar os sistemas internacionais defendidos pela queda dos estados hegemônicos. A ordem ocidental de hoje, em suma, é difícil de derrubar e fácil de aderir.

41 Os anos que imediatamente se seguiram ao fim da Guerra Fria proporcionaram uma imagem fugaz de um novo modelo de ordem internacional, com os estados-nação a crescerem em comunidade ou a desaparecerem, os conflitos ideológicos a esfumarem-se, as culturas a interpenetrarem-se e o comércio e as comunicações cada vez mais livres. O mundo democrático moderno queria acreditar que o fim da Guerra Fria não só poria termo a um conflito estratégico e ideológico como também a qualquer conflito estratégico e ideológico. Os povos e os seus líderes ansiavam por um mundo transformado.

Era, porém, uma miragem. O mundo não tinha se transformado. Na maioria dos lugares, o estado-nação continuou tão forte como sempre, assim como as ambições nacionalistas, as paixões e a competição entre as nações que moldaram a história. Os Estados Unidos subsistiram como a única superpotência. Mas regressou à concorrência internacional entre as grandes potências, com a Rússia, a China, a Europa, o Japão, a Índia, o Irã, os Estados Unidos e outras, almejando a predominância regional. KAGAN, Robert. **O Regresso da História e o fim dos sonhos**. Portugal: Casa da Letras, 2008.

Eis o papel da diplomacia, pois, harmonizar interesses e evitar o conflito e ainda buscar o que é melhor a sua Nação é a árdua tarefa de cada diplomata em uma negociação, como veremos a partir de agora.

### 3. A diplomacia e a globalização

Enquanto na Guerra Fria a diplomacia tratava das relações intra países, com a globalização o cenário se ampliou e se transnacionalizou e o amálgama dos debates passaram a ser a segurança e o desenvolvimento em um binômio inclusivo e indivisível.

A diplomacia com a globalização teve de se modificar e se amoldar às novas exigências que se apresentaram. O primeiro ato foi observar as novas estratégias dos Estados Nações em defenderem seu território, seu poderio militar, sua influência política e sua capacidade econômica<sup>42</sup>.

Sobre o tema Israel Roberto Barnabé:

A complexidade que o cenário internacional adquiriu nas últimas décadas, a dificuldade na definição dos polos de poder após a Guerra Fria (as disputas resultantes desta indefinição) e as exigências e responsabilidades internacionais que passaram a recair sobre os países são influenciadores diretos na maior expressão que a figura de alguns presidentes passou a ter no que concerne às práticas da política externa. Além desses fatores, a formação dos “Gês” (G4, G10, G20, etc.) e a busca conjunta por soluções de problemas globais que se manifestam diferentemente em países e regiões enfatizam a Diplomacia de Cúpula. Assim, a figura dos Chefes de Estado e Chefes de Governo de um modo geral, e dos Presidentes especificamente, adquire centralidade na condução dos assuntos internacionais, ofuscando inclusive a Chancelaria que, muitas vezes, apenas prepara o terreno para a atuação dos mandatários<sup>43</sup>.

Com a globalização há uma balança com um equilíbrio frágil de poder, pois, cada Estado deseja ter mais influência sobre os demais, e, dependendo do seu tamanho e sua

---

42 Diplomats, as they have traditionally been trained and developed, are particular ill prepared to diagnose or treat the growing range of political, economic, and, especially, Science based global problems that have become a prominent feature of the evolving International landscape. Like the bases for the new security, the diplomat, too, must be reimagined. Class, pedigree, and social status, once among the defining elements of the trade, have been eclipsed by personal and professional skills not easily at Ivy League schools. COPELAND, Daryl. **Guerrilla Diplomacy Rethinking International Relations**. London: Lynne Rienner, 2009, p. 4.

Tradução Livre: Diplomatas, como tradicionalmente têm sido treinados e desenvolvidos, estão particularmente mal preparados para diagnosticar ou tratar a crescente gama de problemas globais políticos, econômicos e, especialmente, baseados na ciência, que se tornaram uma característica promissora da paisagem internacional em evolução. Como as bases para a nova segurança, o diplomata também deve ser reimaginado. Classe, pedigree e status social, uma vez entre os elementos definidores do comércio, foram eclipsados por habilidades pessoais e profissionais não facilmente nas escolas da Ivy League.

43 BARNABÉ, Israel Roberto. **O Itamaraty e a Diplomacia Presidencial nos governos FHC e Lula**. Contextualizaciones Latinoamericanas, Año 4, número 7, julio-diciembre, 2012, p. 1-9.

capacidade de contribuir com convergências viabiliza seu pleito para novas alianças as maiores vantagens para si e, ao mesmo tempo, se proteger contra possíveis invasores.

A globalização também foi responsável pela inviabilização de uma potência hegemônica, isto é, que possui ascendência sobre as demais de maneira uniforme, pois, em tempos de economia globalizada não se pode dizer que os Estados Unidos da América é maior, ou melhor, é predominante sobre a Alemanha, o Japão, ou a Rússia, por exemplo. Há um equilíbrio de poder, mas o que se modificou foi a união de esforços comuns a fim de se adquirir representatividade e, por conseguinte, mais influência.

É o caso dos blocos econômicos, em que, aí sim, há uma hegemonia, como por exemplo, os Estados Unidos ser potência hegemônica se comparada aos seus vizinhos Canadá e México. O mesmo se aplica para a China em relação aos seus vizinhos na Ásia, são as potências regionais em uma disputa global por representatividade e hegemonia.

No entanto, esse equilíbrio de poder se fez possível através de acordos e da presença da diplomacia com a clara demonstração das intenções, seguida de longas negociações, já que nenhuma dos lados deseja ceder em suas ambições e leva tempo a se obter um consenso. Ainda se soma às negociações as desconfianças dos Estados uns com os outros por não se saber ao certo os reais objetivos de uma aliança.

A coordenação das forças militares, políticas, econômicas e, por vezes morais, é a difícil tarefa dos diplomatas. A balança de poder sempre em frágil equilíbrio com a real possibilidade de descumprimentos, de retaliações, tudo a fim de assegurar sua soberania, seja interna ou externamente.

O modelo liberal que defende que a economia traria o equilíbrio de poder tem falhado, as disputas não cessaram, e não houve equilíbrio e uniformidade entre as Nações, porque, frequentemente, as Nações competem entre si, e, encaram, o próximo, seja seu vizinho fisicamente, ou não, como um inimigo em potencial, não necessariamente do aspecto bélico, pois, pode ser uma ameaça comercial, de tomada de espaço, mercado, influência dentre outras<sup>44</sup>. Portanto, sempre estão à espreita para

---

44 The United States must reinvest in the Western order, reinforcing the features of the order that encourage engagement, integration, and restraint. The more this order binds together capitalista democratic states in deeply rooted

garantirem ganho de poder em detrimento dos demais, a competição se acirrou ao invés de arrefecer<sup>45</sup>.

A busca por dominação e por segurança externa e interna continua. E o caráter moral, como afirmam os realistas, segue em segundo plano, como se mostrou claro nos conflitos da Rússia com a Chechênia e com a anexação da Crimeia. Ou com a invasão e desmantelamento do Iraque por parte dos Estados Unidos da América que destruíram o país e, agora, sequer conseguem controlar as divergências e conflitos internos decorrentes da guerra.

E, outro complicador se somou à globalização no começo do século XXI com o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 que destruiu as torres gêmeas, símbolo de prosperidade dos Estados Unidos da América, o que resultou na implementação de várias medidas legislativas e a edificação de ordenamento jurídico próprio pelas Nações a fim de efetivar e garantir sua segurança no âmbito interno e externo. Contudo, através da

---

institutions; the more open, consensual, and rule based it is; and the more widely spread its benefits, the more likely it will be that rising powers can and will secure their interests through integration and accommodation rather than through war. And if the Western system offers rules and institutions that benefit the full range of states – rising and falling, weak and strong, emerging and mature – its dominance as an International order is all but certain. IKENBERRY, G. John. **The Rise of China and the Future of the West** Foreign Affairs, vol. 87 issue 1, p. 23-37, jan/Feb. 2008.

Tradução livre: Os Estados Unidos devem reinvestir na ordem ocidental, reforçando as características da ordem que incentivam o envolvimento, a integração e a contenção. Quanto mais esta ordem em estados democráticos capitalistas em instituições profundamente enraizadas; quanto mais aberto, consensual e baseado em regras, é; e quanto mais amplamente difundidos os seus benefícios, mais provável será que as potências em ascensão possam e irão assegurar os seus interesses através de integração e acomodação, em vez de durante toda a guerra. E se o sistema ocidental oferece regras e instituições que beneficiam toda a gama de estados - subindo e descendo, fracos e fortes, emergentes e maduros - seu domínio como uma ordem internacional é quase certo.

45 According to my understanding of International politics, survival is a state's most important goal, because a state cannot pursue any other goals if it does not survive. The basic structure of the International system forces states concerned about their security to compete with each other for power. The ultimate goal of every great power is to maximize its share of world power and eventually dominate the system.

The International system has three defining characteristics. First, the main actors are states that operate in anarchy, which simply means that there is no higher authority above them. Second, all great powers have some offensive military capability, which means that they have the wherewithal to hurt each other. Third, no state can know the intentions of other states with certainty, especially their future intentions. MEARSHEIMER, John j. **China's Unpeaceful Rise**. Current History, vol. 105, issue 690, Apr. 2006, p. 160.

Tradução livre: Segundo minha compreensão da política internacional, a sobrevivência é o objetivo mais importante do estado, porque um estado não pode perseguir nenhum outro objetivo se não sobreviver. A estrutura básica do sistema internacional força os estados preocupados com sua segurança a competir uns com os outros pelo poder. O objetivo final de todo grande poder é maximizar sua participação no poder mundial e eventualmente dominar o sistema. O sistema internacional tem três características definidoras. Primeiro, os principais atores são estados que operam na anarquia, o que significa simplesmente que não há autoridade superior acima deles. Segundo, todas as grandes potências têm alguma capacidade militar ofensiva, o que significa que elas têm os meios para ferir umas às outras. Terceiro, nenhum estado pode conhecer com segurança as intenções dos outros estados, especialmente suas intenções futuras.

GONÇALVES, Antonio Baptista. Diplomacia e o Século XXI: Os Desafios da Globalização. In: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba-PR. Ano XI, n. 19, jul-dez/2018. ISSN 2175-7119.

internet o extremismo religioso e as ameaças ficaram cotidianas e frequentes e dificultaram sobremaneira as soluções diplomáticas.

O acesso à comunicação massificada propiciou a criação de unidades e tricas de informações via redes sociais com a propagação de comunidades virtuais que transcendem as barreiras territoriais. É o fim das barreiras territoriais também para a propagação do mal.

Vários Tratados, Convenções, e demais instrumentos protetivos de Direitos Humanos foram criados para combater o terror, mas nenhuma dessas medidas impediu que as grandes potências resolvessem o tema sem se importar para questões diplomáticas ou soluções pacíficas, como foram os casos da invasão no Iraque e a anexação da Crimeia, apenas para citar dois casos.

Outros temas se juntaram à complexa realidade da globalização como migrações, refugiados e guerras civis com reflexos em outros países como o caso do conflito na Síria que já impactou a vida de mais de 16 milhões de refugiados e deslocados internos a partir da Síria, que em sua maioria fugiram para os países vizinhos como Turquia, Paquistão, Líbano, Egito, Jordânia e Iraque. Em 2017 o líder de pedidos de asilos sírios foram os Estados Unidos da América (331.700)<sup>46</sup>.

A globalização expôs feridas que datam do período colonial com o tema do desrespeito às diferenças culturais, religiosas, étnicas e políticas, com clara tendência à desrritorialização seja em âmbito social, econômico ou político.

A missão dos diplomatas é aprender como operar horizontalmente e não apenas em uma relação direta entre Nações, pois, o alcance se reduz. Ademais tem também de lidar com temas novos advindos pós Segunda Guerra como Direitos Humanos, liberdade religiosa, laicidade, justiça social, equidade e ainda equilibrar com os objetivos usuais dos Estados: ganhos econômicos, vantagens comerciais, trocas de influências e ganhos de poder.

---

46 Fonte: <http://www.unhcr.org/globaltrends2017/>. Acesso em 6 de julho de 2018.

GONÇALVES, Antonio Baptista. Diplomacia e o Século XXI: Os Desafios da Globalização. In: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba-PR. Ano XI, n. 19, jul-dez/2018. ISSN 2175-7119.

Ademais os diplomatas também têm a árdua missão de ratificar as fronteiras e assegurar medidas fundamentais de segurança para sua própria Nação quando da negociação com outro Estado<sup>47</sup>.

Os diplomatas têm soluções não violentas para equilibrar as negociações entre Nações<sup>48</sup> a fim de promover o ganho de poder e, ao mesmo tempo, a cooperação entre eles para concessão de benefícios mútuos.

#### **4. Os problemas a serem enfrentados pela diplomacia no século XXI: Os organismos Transnacionais**

---

47 Simply put, security is no longer best understood as a dimension of defense. Instead, in this world of organized militaries pursuing irregular militants, vulnerability has become mutual, and the use of conventional arms is frequently counterproductive. To find the best route to a more pacific future the fundamentals of security need to be rethought, and the intellectual foundations reconstructed. Only then will public diplomacy and nation branding emerge as vital instruments.

At the highest level of analysis, public diplomacy involves efforts by governments to promote their policies and interests abroad by influencing International public opinion through interaction with other polities, forging partnerships with civil societies, and using the media strategically. COPELAND, Daryl. **Guerrilla Diplomacy Rethinking International Relations**. London: Lynne Rienner, 2009, p. 9.

Tradução livre: Simplificando, a segurança não é mais compreendida como uma dimensão de defesa. Mesmo assim, neste mundo de militares organizados que perseguem militantes irregulares, a vulnerabilidade tornou-se mútua e o uso de armas convencionais é frequentemente contraproducente. Para encontrar o melhor caminho para um futuro mais pacífico, os fundamentos da segurança precisam ser repensados, e o intelectual fundações reconstruídas. Só então a diplomacia pública e o branding da nação emergirão como instrumentos vitais.

No nível mais alto de análise, a diplomacia pública envolve esforços dos governos para promover suas políticas e interesses no exterior, inflando a opinião pública internacional por meio da interação com outras entidades políticas, forjando parcerias com sociedades civis e usando a mídia estrategicamente.

48 Development and security are worthy ends: diplomacy and defense, like trade, immigration, and International law, are available means. History illustrates that diplomacy can be crucial to the prevention and more commonly, to the resolution of conflict. Much less widely appreciated is the fact that diplomacy can also make a durable contribution to International security at much lower cost than can armed force, namely by dressing not only the immediate causes of organized violence – anger, resentment, humiliation – but also the underlying structurally embedded ones. Even with absolute poverty diminishing in places, relative disparity and the popular discontent it creates are becoming more acute.

Diplomacy can be used to address and ultimately manage these discontinuities, tensions, and imbalances. Diplomats, however, are languishing in the bleachers as the legions march by. COPELAND, Daryl. **Guerrilla Diplomacy Rethinking International Relations**. London: Lynne Rienner, 2009, p. 2 e 3.

Tradução livre: O desenvolvimento e a segurança são fins dignos: a diplomacia e a defesa, como o comércio, a imigração e o direito internacional, são meios disponíveis. A história ilustra que a diplomacia pode ser crucial para a prevenção e, mais comumente, para a resolução do conflito. Muito menos apreciado é o fato de que a diplomacia também pode fazer uma contribuição duradoura para a segurança internacional a um custo muito menor do que a força armada, vestindo não apenas as causas imediatas da violência organizada - raiva, ressentimento, humilhação - mas também as causas estruturais subjacentes. Nessas incorporadas. Mesmo com a pobreza absoluta diminuindo em alguns lugares, a discordância relativa e o descontentamento popular que ela cria estão se tornando mais agudos.

A diplomacia pode ser usada para abordar e, finalmente, gerenciar essas discontinuidades, tensões e desequilíbrios. Diplomatas, no entanto, estão definhando nas arquibancadas enquanto as legiões marcham.

Com a globalização a diplomacia teve de se adaptar, seja pela influência da internet, seja pela mudança de interesses dos Estados ou pela multipolarização do mundo, mas temos também, outro elemento que foi incorporado ao cotidiano e que impacto na realidade diplomática: o acesso das pessoas à informação.

O que antes da internet e do acesso instantâneo era impensável agora se pode ter acesso a um documento, a uma atividade de um governo com o poder de um clique. A consequência é não mais a presença apenas dos Estados e seus representantes nas negociações internacionais, pois, agora, temos outros atores que influenciam diretamente na tomada de decisões de uma Nação, falamos de pessoas e ou grupo de pessoas<sup>49</sup>, As denominadas organização não governamentais, que se unem em prol de interesses ou temas em comum, como o meio ambiente, a defesa dos animais, a redução da poluição, a afirmação dos Direitos Humanos, e mais uma infinidade de assuntos que diuturnamente passaram a ocupar a agenda dos Estados.

Sobre o tema Israel Roberto Barnabé:

Juntamente com a ampliação da agenda internacional, vislumbra-se o surgimento de outros atores na arena nacional e internacional com capacidade de influenciar e auxiliar o exercício da nova diplomacia. Dentre estes atores, pode-se destacar: organizações não governamentais, sindicatos, associações de classe, conglomerados empresariais, etc. Embora o Estado, o corpo diplomático formal, e as instituições tradicionais continuem centrais para a prática diplomática, esses outros atores representam atualmente um novo nexos societal e sua participação na arena diplomática representa passo importante na formação da nova diplomacia<sup>50</sup>.

As vias diplomáticas são a melhor estratégia para se pacificar um conflito de maneira não violenta, pois, através dela ocorrem relações amistosas que podem vir a se converter em relações comerciais, culturais e até científicas entre os Estados. É através

---

49 Individuals and groups become functionally linked as they discover that they share common interests and common needs that transcend existing organizational frontiers. They may then develop common views and even cooperative approaches to the problems that they confront. The complexity of contemporary modes of industrial production, for example, may generate a linkage between business firms in different countries that depend upon each other for raw materials, parts, expertise, or marketing facilities. MANSBACH, Richard; FERGUNSON, Yale H., LAMPERT, Donald E. *The Web of World Politics: Nonstate Actors in the Global System*. In FERGUNSON, Yale H., MANSBACH, Richard **A World of Politics Essays on global politics**. London: Routledge, 2008, p. 85.

Tradução livre: Indivíduos e grupos tornam-se funcionalmente ligados à medida que descobrem que compartilham interesses comuns e necessidades comuns que transcendem as fronteiras organizacionais existentes. Eles podem então desenvolver visões comuns e até abordagens cooperativas para os problemas que enfrentam. A complexidade dos modos contemporâneos de produção industrial, por exemplo, pode gerar uma ligação entre firmas de negócios em diferentes países que dependem umas das outras para matérias-primas, peças, conhecimento ou instalações de marketing.

50 BARNABÉ, Israel Roberto. **O Itamaraty e a Diplomacia Presidencial nos governos FHC e Lula**. Contextualizaciones Latinoamericanas, Año 4, número 7, julio-diciembre, 2012, p. 1-9.

GONÇALVES, Antonio Baptista. Diplomacia e o Século XXI: Os Desafios da Globalização. In: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba-PR. Ano XI, n. 19, jul-dez/2018. ISSN 2175-7119.

da diplomacia que se negocia acordos, tratados, pactos e demais instrumentos a fim de se proteger ou efetivar direitos sobre determinado tema como os casos dos direitos humanos, do combate à tortura, da não discriminação, e, inclusive, no combate ao terrorismo.

São os diplomatas que levam a seus governos os temas debatidos na Organização das Nações Unidas que posteriormente podem ser convertidos em documentos protetivos para aplicação inclusive no âmbito interno dos países desde que assinem e ratifiquem o instrumento.

Todavia, não são os diplomatas que recebem as pressões internas das demandas das organizações internacionais, das organizações não governamentais, dos ativistas e dos demais interessados em determinado tema, pois, essa função cabe ao Governo<sup>51</sup> daquele Estado. Portanto, o Governo Federal faz pressão no Ministério das Relações Exteriores e seus componentes (Embaixadores, Autoridades Consulares, Ministros e Secretários) na figura do Ministro para que este intervenha e encontra um consenso e amenize críticas e, por conseguinte, através da diplomacia se modifique e implemente uma política externa<sup>52</sup>.

De tal sorte que também é missão da diplomacia do século XXI encontrar meios para fazer o seu próprio *policy community*<sup>53</sup> e buscar fortalecer seus contatos, parceiros

---

51 A globalização – entendida como um fenômeno multidimensional que envolve a mudança na organização da atividade humana e no deslocamento do poder de uma orientação local e nacional no sentido de padrões globais, com uma crescente interconexão na esfera global – dá outra pista importante para o conceito de governança. Com a diminuição dos poderes soberanos nacionais, a partir da emergência de organizações supranacionais, e com a presença crescente das ONGIs (Organizações Não-Governamentais Internacionais) e empresas multinacionais, o balanço do poder e o conceito de poder político alterou-se de forma significativa. Assim, estaríamos assistindo à mudança do governo para a governança global. Estes processos limitaram a competência, mandato e autoridade dos Estados nacionais – o declínio do governo – enquanto outras instituições, como organizações internacionais e supranacionais, ONGIs e empresas multinacionais preencheram este vácuo de poder – a emergência da governança global. PIERIK, Roland. **Globalization and Global Governance: A Conceptual Analysis**. 2003 Hague Joint Conference. pp. 454-462.

52 A política externa é o conjunto de opções de um país no que toca à sua colocação no mundo e às suas relações com os outros, enquanto a diplomacia é uma atividade através da qual se aplica a política externa. A diplomacia é instrumental face à política externa. Designamos então ‘diplomacia’ aquele conjunto de pessoas, de instituições e de práticas pelas quais se materializam as escolhas no domínio das relações internacionais, incluindo portanto o corpo de diplomatas, as delegações em países estrangeiros e em organizações intergovernamentais, e a rede de embaixadas, consulados e outros organismos de representação do Estado no exterior. MOITA, L. **Nova Diplomacia: Paradigma, Actores, Espaços**. Disponível em: <http://aartereal.blogspot.com/2007/03/novadiplomacia-paradigma-actores.html>. Acesso em 11/08/2018.

53 Es consecuencia tanto de la institucionalización del servicio diplomático antes mencionada, como de su misión organizacional principal que no genera vínculos específicos o clientelas particulares en la sociedad y en la política interna. En tanto recurso, el aislamiento burocrático torna al MRE menos permeable a las injerencias políticas que se vuelven endémicas en contextos administrativos como el brasileño, caracterizado por la escasa institucionalización de la administración pública. Además, permite la formación de una *policy community*, en el sentido que la literatura especializada da a una ‘comunidad orgánica de actores en torno de una política sectorial fuerte y estructurada’, que, en

GONÇALVES, Antonio Baptista. Diplomacia e o Século XXI: Os Desafios da Globalização. In: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba-PR. Ano XI, n. 19, jul-dez/2018. ISSN 2175-7119.

nacionais e internacionais a fim de ter independência e mais do que isso, influência, para buscar representatividade e legitimidade perante os atores não governamentais e mais do que eles, em seus pares nas demais Nações<sup>54</sup> para ter a força necessária para ser ouvido quando necessário e, portanto, construir mecanismos de confiança mútua que serão importantes quando de uma negociação para dirimir conflitos e buscar um equilíbrio nas relações de poder.

Não mais se pode ignorar a força e a representatividade da comunidade interna e a internacional, as escusas de outrora de que um país tem de cuidar de seus próprios problemas internamente não mais se aplica em tempos de globalização, pois, o que se faz em um país pode ter impacto direto em outro, hoje há uma conexão fluída e sem fronteiras.

De acordo com a resolução 2/3, de 21 de junho de 1946, o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (ECOSOC), regulamentou o mecanismo de consulta com ONGs<sup>55</sup> e as definiu como “organizações internacionais que não foram criadas por via de

---

este caso, se confunde con la propia organización. LIMA, María Regina Soares de. **Ejes analíticos y conflicto de paradigmas en la política exterior brasileña**. America Latina/Internacional, vol. 1, n. 2, otoño-invierno, 1994, p. 27-46.

Tradução livre: É uma consequência tanto da institucionalização do serviço diplomático supracitado como de sua principal missão organizacional que não gera vínculos específicos ou clientelas particulares na sociedade e na política interna. Como recurso, o isolamento burocrático torna o MRE menos permeável à interferência política que se torna endêmica em contextos administrativos como o Brasil, caracterizado pela fraca institucionalização da administração pública. Também permite a formação de uma comunidade política, no sentido de que a literatura especializada oferece uma “comunidade orgânica de atores em torno de uma política setorial forte e estruturada”, que, neste caso, é confundida com a própria organização.

54 o surgimento de um leque mais diversificado de atores vem se constituindo um fator com impacto crescente sobre a ação internacional brasileira. Esta ação já não obedeceria apenas aos desígnios previamente estabelecidos pelo legado institucional, abrigado na agência constitucionalmente responsável pela condução da política externa, mas corresponderia a um processo abrangente de interações políticas entre atores públicos e privados, nacionais, subnacionais e internacionais. (...) É, portanto, uma realidade que adquire sentido estrutural e não apenas conjuntural com a qual a diplomacia convencional se vê forçada a lidar. HIRST, Mônica; LIMA, Maria Regina Soares de. Contexto internacional, democracia e política externa. Política Externa, v. 11, n. 2, set./out./nov., p. 78- 98, 2002.

55 A caracterização das ONGs como ‘aquilo que não é governo’ revela a dificuldade dos Estados em aprender a verdadeira natureza de um fenômeno que tem suas raízes em ‘outro lugar’ que não a esfera estatal, com uma história, valores e modos de atuação originais. A ninguém ocorreria definir o cidadão como aquilo que não é governo. Do mesmo modo, ninguém diria que o fundamento da cidadania é não ser Estado. Significativamente, nos Estados Unidos, sociedade em que o Estado nunca foi percebido como a referência estruturadora da vida social, as organizações de cidadãos são definidas por uma outra expressão: ‘sem fins lucrativos’ (not for profit). Curiosamente, persiste a noção de uma definição pela negativa, embora aqui, a referência diferenciadora seja ao mundo das organizações privadas operando no Mercado. OLIVEIRA, Miguel Darcy de. Cidadania e Globalização: A Política Externa Brasileira e as ONGs. Brasília: Instituto Rio Branco: Fundação Alexandre Gusmão: Centro de Estudos Estratégicos, 1999, p. 19.

acordos intergovernamentais”. Embora a resolução tenha mencionado as organizações nacionais, a definição restringiu-se a organizações internacionais<sup>56</sup>

Ademais temos a resolução 31/1996 do Conselho Econômico e Social (ECOSOC), estabelecendo as bases para as relações de consulta entre as Nações Unidas e as organizações não-governamentais. E destacamos especialmente o número 5, sobre as relações de consulta: Relações de consulta podem ser estabelecidas com organizações nacionais, subregionais, regionais ou internacionais, em conformidade com a Carta das Nações Unidas e os princípios e critérios estabelecidos na presente resolução. A Comissão, ao considerar solicitações de status consultivo, deve assegurar, na medida do possível, a participação de organizações não governamentais de todas as regiões, e particularmente dos países em desenvolvimento, a fim de permitir que se alcance o envolvimento genuíno, efetivo, balanceado e justo das organizações não-governamentais de todas as regiões e áreas do mundo. A Comissão deve também ter especial atenção a organizações não governamentais que tenham especial competência técnica ou experiência sobre questões que a Comissão deseje estabelecer.

Sobre a influência das Organizações não governamentais e demais atores não estatais destaca Claus Offe:

Os problemas de um país não vão ser resolvidos apenas pela ação do Estado ou do mercado. É preciso um novo pacto, que ressalve o dever do Estado de dar condições básicas de cidadania, garanta a liberdade do mercado e da competição econômica e, para evitar o conflito entre esses dois interesses, permita a influência de entidades comunitárias. As organizações não-governamentais, as igrejas, os movimentos profissionais como os médicos sem fronteira atuam como uma válvula de escape nas deficiências do Estado e do mercado. É a entidade de direitos civis que vai defender os interesses do cidadão junto à Justiça e ao Congresso<sup>57</sup>.

Em que pese a força e a legitimidade das organizações não governamentais as decisões ainda são concentradas ao Estados, por conseguinte, a missão desses órgãos é conseguir ser ouvido pelas Nações aos quais seus pedidos são relevantes ou aonde há um desrespeito flagrante, porque na Organização das Nações Unidas através de seus conjunto protetivo de Tratados, Acordos, Pactos tem a força de relação com as Nações e, especificamente, com cada signatário individualmente, portanto, ao se querer mudar um

---

56 TAVARES, Ricardo Neiva. As Organizações Não-Governamentais nas Nações Unidas: Brasília; Instituto Rio Branco; Fundação Alexandre de Gusmão; Centro de Estudos Estratégicos, 1999, p. 17.

57 OFFE, Claus. **O novo poder**. Veja, vol. 31, n. 14, p. 11 a 13, abr. 1998.

GONÇALVES, Antonio Baptista. Diplomacia e o Século XXI: Os Desafios da Globalização. In: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba-PR. Ano XI, n. 19, jul-dez/2018. ISSN 2175-7119.

panorama climático, por exemplo, primeiro precisa se provocar o debate sobre o tema, depois apontar os problemas e insistir no pleito e buscar aliados, para em um momento posterior obter respostas dos Estados, como resultou nesse tema na Eco-92, a primeira convenção climática.

Os Estados pensam em seus lucros e nas formas de incrementarem suas próprias economias. Assim, a criação de uma agenda refletiu no impacto direto da sociedade civil globalizada em impactar os governantes através de mecanismos de pressão para que se implementasse um olhar crível sobre o meio ambiente.

Assim as Organizações Não Governamentais, as pessoas, os ativistas, as empresas conseguem modificar ações e comportamentos e a união desses atores em prol de um objetivo comum lhes confere força, mobilização e representatividade. A globalização e a transmissão em tempo real de protestos, manifestações e reivindicações fazem com que os diplomatas tenham um novo leque de preocupações a observar e partilhar com o Governo. A imagem de um país importa e muito perante à comunidade internacional e minorar o impacto dos danos produzidos pelas manifestações é importante para manter sua governança global através programas e projetos, alcançar eficácia e mostrar a seus pares que medidas tanto domésticas quanto globais serão tomadas, inclusive noticiando à sociedade sobre suas ações<sup>58</sup>.

Sobre o tema Israel Roberto Barnabé:

A organização da sociedade civil, tanto nos âmbitos domésticos como em organizações regionais ou mundiais (governamentais e não-governamentais) instituíram novas demandas e representam hoje uma quantidade bastante significativa de atores que, para além dos Estados Nacionais, participam e influenciam a elaboração da política externa dos países e a implementação dessa política pela diplomacia. Portanto, nota-se que a diplomacia não saiu imune às mudanças ocorridas no planeta nas últimas décadas. Pelo contrário, está em curso um conjunto de transformações na prática diplomática dos países que deverá rever antigas e tradicionais atividades e adequar-se às exigências da

---

58 A aproximação entre o Mercosul (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai) e a Aliança do Pacífico (Chile, Colômbia, México e Peru) é causa na qual estou pessoalmente engajado desde a primeira hora de nosso governo. Juntos, formamos mercado de 470 milhões de pessoas e representamos mais de 90% do PIB e dos fluxos de investimentos na região. Podemos e devemos caminhar unidos em direção a um continente de mais harmonia e prosperidade.

A construção de uma comunidade latino-americana de nações não é uma opção. É um imperativo histórico e, no caso do Brasil, um mandamento constitucional. Mas não queremos qualquer integração. Queremos uma integração voltada para o que importa ao cidadão: emprego, renda bem-estar. Temos trabalhado em intensa agenda para desburocratizar o comércio entre nossos países gerar novas oportunidades. TEMER, Michel. **Dois destinos, um só objetivo**. Jornal O Estado de São Paulo. Espaço Aberto, p. A2, 23 de julho de 2018.

sociedade contemporânea, complexa, multifacetada, e porque não dizer, extremamente frágil<sup>59</sup>.

O Brasil na época da Eco-92 enfrentava o grave problema do desmatamento da Amazônia, problema que persiste até hoje, mas por se tratar de uma das maiores áreas verdes do planeta a pressão sobre as autoridades brasileiras era enorme, qual foi a resposta do Governo? Mostrar sua preocupação tanto para seus nacionais e os organismos internacionais, como para as demais Nações.

Com a globalização não mais se tem ações isoladas de um governo, mas sim uma coalizção de interesses entre Congresso, sociedade civil e demais atores interessados e essa confluência de interesses propicia o que se chama de governança global. E a diplomacia tem papel central nesse novo cenário desde que não fique afastada e busque, propositalmente, distância da sociedade, o insulamento não é mais possível se os diplomatas e um Ministério de Relações Exteriores queria, de fato, ter representatividade e influência perante seu próprio Governo. Estar atento às demandas internacionais e nacionais, buscar coalizções e criar um *policy community* é a realidade da globalização.

A figura estanque e austera dos diplomatas clássicos deve incluir uma nova flexibilidade nas tradições para que o corpo diplomático acompanhe o movimento fluído que a globalização impôs à sociedade globalizada e se mantenha relevante na governa global e na implementação da política externa de seu país. Os assuntos que outrora eram discutidos apenas no âmbito doméstico agora são globais, a agenda se ampliou, as demandas se tornaram mais complexas.

Com isso não há mais tempo para a antiga burocracia e sua rigidez, em dias de redes sociais, e de um Presidente que governa via Twitter, certas tradições e costumes tem de ser minorados e adaptados aos dias correntes. As organizações não governamentais e demais entidades civis e internacionais cumprem atividades que os governos não logram êxito, fornecem e suprem lacunas deixadas pelas Nações e a diplomacia e seus representantes devem tê-los por perto como parte de sua *policy community*, mas para isso, o dinamismo e a flexibilidade se faz presente, são novos tempos e exigem novas medidas de adequação para a harmonização dos interesses comuns e a busca da harmonia entre as Nações de acordo com a acomodação de

---

59 BARNABÉ, Israel Roberto. **O Itamaraty e a Diplomacia Presidencial nos governos FHC e Lula.** Contextualizaciones Latinoamericanas, Año 4, número 7, julio-diciembre, 2012, p. 1-9.

interesses a qual a diplomacia pode ter um papel deveras relevante, que se amolde à globalização e suas demandas e particularidades.

Que o diplomata use a tecnologia a seu favor, que explore as benesses da Internet<sup>60</sup> e que não esteja em desvantagem pela velocidade da informação, mas sim, que a use como seu novo aliado. Se a modernidade chegou e a tecnologia instrumentalizou a sociedade da informação e concedeu acesso à sociedade civil, que a diplomacia se utilize desses mesmos mecanismos para otimizar o seu trabalho e incrementar suas relações com seus pares internacionais e demais atores de cooperação.

## Conclusão

A sociedade mudou, com a globalização e a relativização das fronteiras e o advento da Internet o que vimos ao longo das últimas décadas foi o acesso à informação de pessoas que antes sequer sabiam o que seus governantes planejavam ou implementavam. O sistema era fechado e mais voltado aos interesses domésticos.

Com a expansão das fronteiras e da livre circulação de mercadorias e pessoas o que se viu foi a abertura inclusive das atividades das Nações, e esse acesso permitiu a adoção de voz para entidades não ligadas aos governos, mas sim, preocupadas com temas de interesses comuns à humanidade como meio ambiente, saúde, educação, dentre muitos outros.

O resultado foi o surgimento de pessoas preocupadas em levar os problemas às sociedades civis, seja através do ativismo, ou da junção de esforços comuns com a criação de empresas, organizações não governamentais, o que se objetivou foi mostrar aos governantes que os problemas existiam e uma solução era necessária.

---

60 The challenges are great. But the potential for progress is greater still. The Internet – the flagship of globalization – is both changing diplomatic practice and empowering individual diplomats by giving them access to a vast amount of knowledge and the ability to communicate to a worldwide audience. Even so, diplomats will need new tools, both heuristic and practical, if they are to act effectively in response to the challenges to the twenty-first century. COPELAND, Daryl. **Guerrilla Diplomacy Rethinking International Relations**. London: Lynne Rienner, 2009, p. 12. Tradução livre: Os desafios são excelentes. Mas o potencial de progresso é ainda maior. A Internet - o carro-chefe da globalização - está mudando a prática diplomática e capacitando diplomatas individuais, dando-lhes acesso a uma vasta quantidade de conhecimento e a capacidade de se comunicar com uma audiência mundial. Mesmo assim, os diplomatas precisarão de novas ferramentas, tanto heurísticas quanto práticas, se quiserem agir efetivamente em resposta aos desafios do século XXI.

Com a Internet esses movimentos se ramificaram e ampliaram e em tempos de transmissões em tempo real através de redes de comunicação instantânea os governos se viram compelidos a inserirem em suas agendas demandas até então que prejudicavam o progresso e o enriquecimento das Nações.

O que se percebeu foi que sem o apoio desses pessoas e entidades a governança global estaria ameaçada, portanto, uma coalizão foi construída e eles passaram a não apenas a ter voz, como também, legitimidade e representatividade.

Em paripasso com a globalização e seu movimento inclusivo temos a diplomacia que sofreu ante a essa expansão devido a sua própria formalidade e tradição, notadamente mais rígida e inflexível. Se as demandas dos Estados se ampliaram conjuntamente com as pressões, o que os diplomatas vivenciam diuturnamente é que os métodos de outrora precisavam de adaptação, pois, o governo por muitas vezes atendia demandas da sociedade civil e resolviam problemas sem que houvesse tempo da diplomacia intervir.

O desinsulamento se fez obrigatório para sua própria sobrevivência e a globalização produziu efeitos na diplomacia também. Hoje o conhecimento e o acesso à informação estão à disposição de todos e, por vezes, na velocidade de um clique. Os diplomatas têm em suas mãos a árdua missão de competir com a velocidade da informação, mas também, a vantagem de anos de treinamento para também tirar proveitos disso.

A diplomacia pode e deve usar a própria globalização como aliada, afinal se a tecnologia e seus avanços trazem benefícios à sociedade os diplomatas podem usufruir da mesma para suas atividades para se comunicar à distância, para interagir sem precisar estar presencialmente e com isso otimizar relações, incrementar contatos e desenvolver com mais eficácias certas negociações.

Com o auxílio da própria sociedade civil pode usar as demandas como instrumento de negociação com outra Nação e, por conseguinte, obter uma solução pacífica para um conflito e ainda conseguir mais vantagens por conta das informações obtidas. As habilidades dos diplomatas se aliadas à globalização podem fornecer mais instrumentos aos Estados com ganhos e influência de poder.

O que é necessário é que a diplomacia siga investindo no *policy community*, inclua a sociedade civil e use de sua expertise para harmonizar os interesses em benefício de sua Nação. Os tempos de soberba e formalidade ficaram para trás, se ainda houver mais

GONÇALVES, Antonio Baptista. Diplomacia e o Século XXI: Os Desafios da Globalização. In: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba-PR. Ano XI, n. 19, jul-dez/2018. ISSN 2175-7119.

atenção ao prestígio do que à negociação com as novas armas que a globalização oferece o caminho de deixar de ser insular para ser o do isolacionismo.

A diplomacia é devesas importante para uma Nação e para a busca de soluções não armadas e negociadas para uma mínima harmonia entre os Estados, que a vaidade fique em segundo plano para que se busque o bem comum e se use dos novos mecanismos sem resistência e sim com inteligência, não se pode tratar da globalização e seus novos atores como uma competição, mas sim, como um novo leque de informações que podem fortificar ainda mais a diplomacia.

## REFERENCIAS

BARNABÉ, Israel Roberto. **O Itamaraty e a Diplomacia Presidencial nos governos FHC e Lula**. Contextualizaciones Latinoamericanas, Año 4, número 7, julio-diciembre, 2012, p. 1-9.

BHAGWATI, Jagdish. **Em defesa da globalização: Como a globalização está ajudando ricos e pobres**. Tradução Regina Lyra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BECK, Ulrich. **O que é Globalização? Equívocos do globalismo respostas à globalização**. Tradução André Carone. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BRITO, Jahyr Jesus. **A Laicização na reforma da ONU: teoria da soberania no século XXI**. São Paulo: Max Limonad, 2015.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 10 ed. Tradução Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CHESNAIS, François. **A Mundialização do Capital**. Tradução Silvana Finzi Foá. São Paulo: Xamã, 1996.

COPELAND, Daryl. **Guerrilla Diplomacy Rethinking International Relations**. London: Lynne Rienner, 2009.

DARÉ, Nilton José. Organismos internacionais e blocos econômicos. In COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **Dinâmica da Economia Mundial Contemporânea**. São Paulo: Stortecci, 2003.

GILPIN, Robert. **O desafio do capitalismo global: A economia mundial no século XXI**. Tradução Clóvis Marques. Rio do Janeiro: Record, 2004.

GONÇALVES, Antonio Baptista. Diplomacia e o Século XXI: Os Desafios da Globalização. In: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba-PR. Ano XI, n. 19, jul-dez/2018. ISSN 2175-7119.

GONÇALVES, Antonio Baptista. **A (in) tolerância religiosa e os Direitos Humanos Laicismo – proselitismo – fundamentalismo – Terrorismo**. Curitiba: Juruá Editora, 2016.

\_\_\_\_\_. O Refugiado e o Direito à Liberdade Religiosa. IN SILVA, Marco Antonio Marques et alli. **Refugiados, Imigrantes e Igualdade dos Povos - Estudos em Homenagem a António Guterres**. São Paulo: Editora Quartier Latin, 2017.

GIDDENS, Anthony. **O Mundo na era da globalização**. Barcarena, Portugal: Editorial Presença, 2005.

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

HOBBSAWM, Eric. J. **Era dos extremos: O breve século XX 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Globalização, Democracia e terrorismo**. Trad. José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1999.

\_\_\_\_\_. **Globalização: novo paradigma das ciências sociais**. Estud. Avançados. São Paulo, v. 8, n. 21, ago. 1994. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141994000200009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 15 abr. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141994000200009>.

\_\_\_\_\_. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

IKENBERRY, G. John. **The Rise of China and the Future of the West** Foreign Affairs, vol. 87 issue 1, p. 23-37, jan/Feb. 2008.

KAGAN, Robert. **O Regresso da História e o fim dos sonhos**. Portugal: Casa da Letras, 2008.

KOCHER, Bernardo (org.). **Globalização: atores, ideias e instituições**. Rio de Janeiro: Maud, 2011.

LIMA, María Regina Soares de. **Ejes analíticos y conflicto de paradigmas en la política exterior brasileña**. America Latina/Internacional, vol. 1, n. 2, otoño-invierno, 1994, p. 27-46.

MANSBACH, Richard; FERGUNSON, Yale H., LAMPERT, Donald E. The Web of World Politics: Nonstate Actors in the Global System. In FERGUNSON, Yale H., MANSBACH, Richard **A World of Politics Essays on global politics**. London: Routledge, 2008.

GONÇALVES, Antonio Baptista. Diplomacia e o Século XXI: Os Desafios da Globalização. In: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba-PR. Ano XI, n. 19, jul-dez/2018. ISSN 2175-7119.

MEARSHEIMER, John j. **China's Unpeaceful Rise**. Current History, vol. 105, issue 690, Apr. 2006.

MOITA, L. **Nova Diplomacia: Paradigma, Actores, Espaços**. Disponível em: <http://aartereal.blogspot.com/2007/03/novadiplomacia-paradigma-actores.html>. Acesso em 11/08/2018.

MURPHY, Craig N. **International organization and industrial change. Global governance since 1850**. Cambridge: Polity Press, 1994.

OFFE, Claus. **O novo poder**. Veja, vol. 31, n. 14, p. 11 a 13, abr. 1998.

PEREIRA, Luis Carlos Bresser. **Globalization and Competition: Why Some Emergent Countries Succeed while Others Fall Behind**. Cambridge: Cambridge Press, 2010.

PIERIK, Roland. **Globalization and Global Governance: A Conceptual Analysis**. 2003 Hague Joint Conference. pp. 454-462.

PIOVESAN, Flávia Cristina. Direitos Humanos, globalização e a integração regional. In PIOVESAN, Flávia (Coord.). **Direitos Humanos, globalização econômica e integração regional**. São Paulo: Max Limonad, 2002.

RETONDAR, Anderson Moebus. **A (re)construção do indivíduo: a sociedade de consumo como “contexto social” de produção de subjetividades**. Revista *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 23, n. 1, p. 137-160, jan./abr. 2008.

RODRIGUES, Robério Paulino. O fim da URSS e do “Bloco Socialista”. In COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **Dinâmica da Economia Mundial Contemporânea**. São Paulo: Stortecci, 2003.

ROSSETTI, José Paschoal. **Introdução à Economia**. 19 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SIMÕES, Edson Emanuel; PERILLO, Eduardo B. F.; MIGUEL, Jair Diniz Miguel. Indústria e militarismo. In COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **Dinâmica da Economia Mundial Contemporânea**. São Paulo: Stortecci, 2003.

TEMER, Michel. **Dois destinos, um só objetivo**. Jornal O Estado de São Paulo. Espaço Aberto, p. A2, 23 de julho de 2018.